

PTB

19 março

Meu primeiro emprego em jornal foi de tradutor de notícias na agência UPI. Naquela época, as notícias internacionais chegavam via teletipo, uma maquineta engraçada que vomitava uma tripa de papel amarelo cheia de furinhos, a qual, por sua vez, fazia funcionar uma máquina de escrever que, como uma pianola de texto, transformava os furinhos indecifráveis em letras, palavras e frases. Era mágico.

As fotos do outro lado do mundo, vinham por uma geringonça que hoje parece simplória, mas que era, então, o cúmulo da sofisticação: a rádio-foto. Uma caixinha de metal, com um cilindro giratório dentro. Nele se enrolava uma folha de papel fotográfico; e uma luzinha, deslizando por um trilho lateral, acendia e apagava, traçando linhas interrompidas no papel sensível à luz. As linhas acabavam formando um padrão todo listadinho que o olho da gente completava numa imagem. O processo levava horas. E era mágico.

Mas o grande mago, para mim, era o PTB. Não o partido e sim um velho jornalista que tinha essas iniciais e esse apelido. Eu era moleque, chegado do interior, sabia tudo de inglês e nada de jornal. Sentado ao lado daquela maquina em que mãos elétricas invisíveis traçavam notícias, ia batucando, na minha máquina, o texto tal e qual aparecia. O PTB me ensinou a "ler" a notícia, a achar o foco e descobrir, em cada uma, o ponto de interesse para o Brasil.

Era 1965. Apesar do AI-2, Castelo Branco era tolerante e a Imprensa tinha total liberdade. Nem o PTB (o jornalista, não o partido) previa a noite escura que nos esperava. De repente, ele sumiu no mundo e perdemos contato.

Agora, que "o sol da liberdade em raios fúlgidos brilha no céu da pátria nesse instante", encosto num balcão para tomar um cafezinho e vejo, na minha frente, o mesmo charuto meio mastigado, o mesmo brilho de sábia ironia num olhar. Trinta anos e muitos cabelos brancos a mais em ambas as nossas cabeças, o mesmo PTB me reconhece também.

Abraços, troca de biografias, etc.. E:

- Rapaz, o jornalismo acabou. O que tem agora é informação. No nosso tempo (vinte anos a mais o colocam numa geração anterior à minha, mas carinhosamente ele me coloca como igual), a notícia levava dois dias pra chegar no jornal. Cada editor entendia de um jeito, tinha uma idéia diferente da coisa, tinha variedade. Agora, o avião cai em Amsterdã, a gente assiste aqui na mesma hora, ao vivo e a cores. Os jornais dão todos a mesma matéria, a mesma foto. Muda o ângulo, mas a foto é a mesma. A notícia chega via satélite, exata, precisa, fiel. É a verdade ali, na mão. Verdade instantânea, mentira a longo prazo. Todo mundo sabe tudo. Quer dizer, ninguém sabe nada. É todo mundo especialista em realidade. Sabe o que é especialista? É o cara que sabe muito sobre pouco. Até o dia que acaba sabendo tudo sobre nada. O nêgo não precisa ler jornal. Nem que não queira fica sabendo de tudo. A informação entra pelos poros. Mas quanto mais informação, menos o cara vive. Outro dia, meu filho estava vendo o cerco duns bandidos que entraram num apartamento e disse assim: - Esses guarda aí tão muito frouxo! Eu entrava lá e matava tudo. Não era filme, rapaz, era notícia! Ficou tudo igual. Sentadão na sala, o nêgo fica sabendo de tudo, mas acha que não tem nada a ver com isso. No nosso tempo (de novo!), a gente chamava isso de alienação. Agora é informação. Todo mundo fica sabendo de tanta coisa, que não sabe mais o que fazer. Quer dizer, a informação coletiva joga o cara no mais nojento individualismo. Qualquer um conhece tudo, mas conhecer não é saber. E eu não quero mais conhecimento, quero mais sabedoria. Será que tanta informação deixa a gente mais sábio?

Eu não soube responder.

## ITE E OSE

Meu irmão que é médico me diz pra não me preocupar com essa dor do lado. São gases talvez, apendicite não é. Apendicite não vem aos poucos, é crise aguda que dá de uma vez. E me ensina: toda doença que termina em "ite" (otite, apendicite, meningite) é aguda, a que termina "ose" (artrose, osteoporose) é crônica, porque se estende no tempo, "cronos", em grego. Meu irmão sabe muitas coisas.

Só que além de não me resolver a dor do lado, me deixou num paradoxo: como fazer uma "ose" pro jornal, se tudo o que vejo em torno é "ite"? Claro, a nossa crise econômica é "ose", a pouca vergonha e ineficácia dos políticos idem, mas isso já faz parte da nossa "institucionalose". Como "cron"ista (um "oseólogo", portanto), tenho de falar é das "ites".

Será que se pode dizer que padecemos, no momento, de uma "URVITE"? Ou será uma "PLANITE" cíclica? Por mais que o ministro nos tranquilize e se saiba que não é nada anafilático, é, sem dúvida, um choque. Desde o tempo de Delfim Neto (que Deus o tenha no seu santo reino um dia, esse inventor da "poupancite" aguda, nos idos dos anos 70), sofremos de "economose". É uma pandemia nacional. Da faxineira ao patrão, todo mundo só pensa e só fala de dinheiro. Virou a nossa doença incurável. A escola do meu filho se dá ao trabalho de mandar uma planilha detalhada cada vez que sobe a mensalidade. Muito gentil, mas ineficaz, uma vez que eu não entendo, nem pretendo entender de organização escolar. Nas reuniões de pais e mestres, fala-se pouco de educação e discute-se longamente a integração econômica lar-colégio.

Li uma vez que o dinheiro é, no Brasil, o produto mais anunciado na televisão. Chamar dinheiro de produto já é meio esquisito, mas nada supera a estranheza de ver que, nos anúncios, o banco sempre limpinho e sem filas e nós, clientes, sempre especiais, representados por senhores finos e mulheres chiques.

É tal a escalada da "economose" que a Lilian Wite Fibe, que começou como comentarista do ramo, acabou âncora do jornal da noite. Ela faz direitinho todo o noticiário,

mas que radiosa e sublime ela fica quando chega na parte do dinheiro! Debêntures, tablitas, juros, CDBs, RDBs e todas essas siglas absolutamente enigmáticas para o comum dos mortais, conseguem colocar nos olhos dela um brilho que... só o Tio Patinhas mergulhando no mar de moedas da sua caixa forte.

E justamente nesta época, quando eu já respirava fundo e me preparava para as dores de cabeça da minha "imposto-de-rendite" anual, me vejo de repente exposto ao vírus dessa tremenda "urvite". Os sintomas são os mesmos da "cruzadite", da "bresserite" e daquela quase mortal, comparável à Gripe Espanhola, que ainda nem superamos bem e que os especialistas chamaram "colorite": sensação de insegurança, crises de insônia, agitação (principalmente nos supermercados) e uma profunda sensação de impotência.

É tal a depressão que a "urvite" provoca que até o comovente esforço do Jornal Nacional de outro dia, garimpando notícias boas como o casal paranaense que adotou 25 crianças de rua, fica parecendo artificial e não consegue nos levantar o ânimo.

Já tivemos ministros que tinham o aspecto de alopáticos especialistas duros e frios, outros com uma falsa aparência de bonachão médico-de-família. Dr. FHC tem um jeitão assim de homeopata: o remédio provoca uma piora da crise, mas acaba curando.

Tomara!

## ESPELHO PARTIDO

O organismo social é um espelho da alma nacional. Não aquela alminha religiosa de catecismo, que quando a gente morre sobe pro céu, feito um ser de fumaça com asas, mas sim aquela grande alma nacional que, segundo Antonin Artaud, "é um bem de todos"; que tem uma cara nítida, só não tem é espelho pra se olhar.

O nosso espelho está a tal ponto embaçado que é cada dia mais difícil enxergar a nossa cara. Nós não perdemos a cara. Não. A imoralidade dos poderes públicos, a ganância dos empresários é que não refletem mais o que somos. Essa é a nossa crise: falta de reflexão.

Como não refletimos a nós mesmos, vamos esquecendo a nossa cara. Não são só olhos, nariz e boca que fazem uma cara. É aquele ar indefinível, aquela coisa que está além dos traços da carne que nos garante a existência. Ser humano, por definição, é ser mais do que o mero corpo material. É ser corpo e alma. E não se trata de religião, trata-se de Física: somos, humanos, a mais complexa mistura de matéria e energia do planeta.

A organização social que geramos tem, necessariamente, de refletir essa dualidade indivisível que nos garante o status de indivíduo. Socialmente somos também corpo e alma, matéria e transcendência. Ou não seremos nada.

Mais do que perda salarial, a nossa perda é de transcendência. Jamais se falou tanto de dinheiro. É indiscutível que mesmo num sistema não capitalista, a base do poder sempre foi o dinheiro e por ele se lutou sempre. Mas nunca como hoje o dinheiro monopolizou tanto as nossas atenções. Nem em casa, nem na rua se trocam mais impressões, sonhos ou ilusões; não se discutem idéias.

Um povo é a riqueza que produz da terra e a sua cultura. Não a cultura livresca, acadêmica, mas a expressão da sua alma. De novo citando Artaud: "a verdadeira cultura não está nos livros, nos quadros, nas esculturas; a verdadeira cultura está nos nervos, nos órgãos sensíveis."

O que mais expressa um povo não é a sua reserva de ouro ou dólares, o que mais expressa um povo é a maneira como chora e ri e canta, a maneira como ama, a maneira como inventa mitos que dão forma e sentido aos sentimentos. Todas as questões abstratas vão, dia a dia, parecendo menos importantes, menos imediatas. As coisas do espírito: a arte, a cultura, as paixões, os afetos vão ficando para depois.

Mais do que as nossas riquezas, os malditos poderosos brasileiros querem nos roubar a alma. Em sua estupidez se esquecem que essa é imortal. E, de novo, não falo no sentido religioso: a fome de hoje, as torturas de ontem podem nos roubar a expressão momentânea do espírito. Mas não é preciso ser muito esperto, nem marxista para entender a lição da História: quando um povo não tem acesso aos instrumentos civilizatórios da educação, da arte e da cultura, ele acaba inventando o seu próprio código para expressar as coisas do espírito.

Pode ser uma religião (como em Canudos, com Antônio Conselheiro), pode ser uma sociedade alternativa (como o cangaço ou as comunidades sertanejas que fizeram a Guerra do Contestado), mas a lição é sempre a mesma: a opressão sempre gera a revolução.

E isso não é nenhuma idéia comunista. É bom senso.

???

Por que há fins-de-semana em que a cidade se esvazia?

Por que há outros em que fica cheia? Quem são as pessoas que fazem fila no cinema, fila no restaurante se todo mundo acha fila um horror?

Por que há tantos carros novos e importados nas ruas se estamos numa crise desgraçada? Por que eles têm dinheiro para comprar últimos modelos e eu não? Será que o John Kenneth Galbraith está certo e "não há fortunas honestas"?

Por que a mudança da moeda vai ser feita exatamente durante a Copa do Mundo? Será que os economistas não gostam de futebol? E nem sabiam que ia ter Copa? Por que eu tenho de entender de economia? Não basta aquele velho bom senso prático e simplório que norteou o meu avô? Por que tenho de ler aqueles esclarecimentos imensos que me manda a escola do meu filho para justificar um aumento extorsivo, mas perfeitamente legal? E do qual não posso recorrer a não ser me filiando a associações e passando horas e horas, roubadas do trabalho ou do lazer, em dolorosas reuniões?

Como é possível viver a realidade de nunca saber quanto vai valer amanhã o meu cruzeiro de hoje? Será que botar nome de real no dinheiro vai dar mais realidade a ele? Ou será apenas uma figura de linguagem de quem estudou na Sorbonne? E qual é a grande vantagem de ter estudado na Sorbonne? Quem sabe que notas ele tirou? Ou que notas vai tirar das nossas minguadas bolsas? Quem sabe não tirará e é honesto de verdade?

O que é mais sedutor: estudar na Sorbonne ou não estudar no ABC? O que é que tem mais charme: o bem-nascido inteligente que estudou no exterior e "chegou lá" ou o mal-nascido inteligente que não pode estudar porque tinha de trabalhar, mas também "chegou lá"? E por que essa vontade de "chegar lá"? Será patriotismo ou vaidade?

Por que está tão difícil de acreditar?

Por que tem tanta gente querendo entrar pra política mesmo não tendo vocação? Como é que conseguem votos? Não basta olhar para a cara de quase todos pra ver que

não são gente boa? Ou será que já associamos definitivamente a barriguinha, a meia calva, um eventual bigodão e o olhar astuto à figura do político votável? Será que foi só por vontade de variar de modelo que elegeu-se aquele mocinho boa pinta, irresponsável e arrogante que acabou impedido? Não basta olhar na cara pra saber quando o nêgo não presta? Precisa CPI? Precisa provar?

Por que a palavra radical é usada para quem quer mudar as coisas em profundidade e nunca aplicada aos empresários gananciosos e aos políticos mentirosos? Não é igualmente radical insistir num modelo econômico sem ética, mas todo justificado teoricamente e que mata centenas de pessoa de fome todo dia?

Por que até o futebol virou produto do mercado? Será que não temos mais capacidade de nos entusiasmar sozinhos com a seleção? Será que precisamos que nos estimulem fornecendo slogans e musiquinhas? Ou será que existe um complô organizado para mobilizar nossa atenção acima do que seria natural, desviando assim nosso olhar de outras coisas mais graves?

Por que é que a gente tem de ficar perguntando essas coisas todas?

E deixar de lado aquelas perguntas de criança, muito mais essenciais: Deus existe? Que que é infinito? Por que é que a gente nasce? Por que é que morre?

Que porcaria de vida é essa que a gente está levando? Quem é que está contente? E mesmo quem está contente, será que está feliz? Será de mau gosto, piegas, antiquado falar de felicidade? Será que parece alienação desejar ainda a plenitude interior no tempo de desencanto em que vivemos?

Não será mais alienado de fato desistir de conceitos simples como felicidade, alegria, contentamento? "Is this the winter of our discontent"?

Por que é que eu não estou conseguindo colocar um pouco de poesia ou de humor neste canto de página de jornal? Sou eu que estou ranzinza ou os tempos que estão bicudos? Quem será que inventou essa expressão? Um literato? Um jornalista? Um poeta? Feliz ou infeliz? Um linguista? Um filósofo? Foi Nietzsche que inventou o ditado "o

que não mata, engorda"? Ou ele já estava citando um dito popular existente no seu tempo?

Quem é que inventa essas expressões tão definitivas na sua clareza e simplicidade? O pensador profissional trancado no seu gabinete buscando formular os modos do ser humano? Ou o filósofo de fim-de-semana vagando na cidade vazia?

Por que há fins-de-semana em que a cidade se esvazia?